

“As mães negras não aguentam mais chorar”: violência policial e infâncias perdidas em “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, de Conceição Evaristo

“Black mothers can't stand crying anymore”: police violence and lost childhoods in “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, by Conceição Evaristo

Amanda Nunes do Amaral¹

Universidade Federal de Goiás

Flávio Pereira Camargo²

Universidade Federal de Goiás

Resumo: A intersecção dos marcadores identitários de gênero, raça e classe impactam, de diferentes formas, e em diferentes níveis, as experiências de maternidade de mulheres negras, que exercem o seu maternar nos frágeis limites da vida e da morte. Na constante tensão entre o fazer nascer e não deixar morrer. A partir de uma perspectiva interseccional, este estudo objetiva analisar o conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, presente na obra *Olhos d’água* (2014), da escritora e teórica brasileira contemporânea Conceição Evaristo. A narrativa tem como ponto central a personagem Zaíta, e é marcada por um contraste vívido e mordaz entre a imagem da infância e a imagem da morte. Envoltas por escassez, violência e discriminação, Zaíta surge como uma frágil e bela flor a desabrochar meio a uma cena de guerra. O medo de perder os filhos para a violência policial ou o tráfico na favela é, pois, um dos sentimentos inerentes à maternidade da personagem Benícia, mãe de Zaíta. Nesta análise, refletiremos, dentre outras coisas, como ser uma mãe negra periférica, mais do que gerar a vida, é lutar, dia após dia, contra a morte.

Palavras-chave: gênero; raça; classe; maternidade; interseccionalidade.

Abstract: The intersection of gender, race and class identity markers impact, in different ways and at different levels, the motherhood experiences of black women, who exercise their motherhood within the fragile limits of life and death. In the constant tension between giving birth and not letting die. From an intersectional perspective, this study aims to analyze the short story “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, present in the work *Olhos d’água* (2014), by the contemporary Brazilian writer and theorist Conceição Evaristo. The narrative has as its central point the character Zaíta, and is marked by a vivid and biting contrast between the image of childhood and the image of death. Surrounded by scarcity, violence and discrimination, Zaíta appears as a fragile and beautiful flower blooming in the midst of a war scene. The fear of losing her children to police violence or drug trafficking in the favela is, therefore, one of the feelings inherent to the motherhood of the character Benícia, Zaíta's mother. In this analysis, we will reflect, among other things, on how being a black mother, more than generating life, is fighting, day after day, against death.

Keywords: gender; race; class; maternity; intersectionality.

¹ Doutora em Letras e Linguística (Estudos Literários) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás.

Email: amanda.nunes.amaral@hotmail.com

² Professor Associado de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás.

Email: flaviocamargo@ufg.br

Recebido em 14 de novembro de 2024.

Aprovado em 15 de dezembro de 2024.

Introdução

A morte é algo profundamente familiar e corriqueiro na vida de mulheres negras – e de pessoas negras, de um modo geral. Ao discutir sobre as perdas resultantes da violência e seus efeitos para a saúde das mulheres negras, Bridgett Davis (2006, p. 108 - 109), enquanto mulher negra, afirma: “Nós esperamos a tragédia. A morte não é uma estranha em nossas vidas, em nossos mundos. [...] perdemos nossos maridos e amantes vitimados pela violência policial; perdemos nossos filhos nas prisões ou no tráfico de drogas”.

Dado o projeto de extermínio de corpos negros em pleno funcionamento em nossa sociedade, a maternidade negra torna-se, pois, uma afronta ao sistema político instituído. Na medida em que o Estado, através de sua Necropolítica (MBEMBE, 2018), produz a descartabilidade de corpos negros, o ato de gerar e proteger vidas negras constitui-se como oposição e resistência a esse processo. Para mães negras, trazer ao mundo uma nova vida é um ato de subversão, uma vez que essa vida, assim como suas próprias, é uma vida vivida sobre o constante risco de morte, e o seu nascimento contesta e contraria o racismo estrutural e estruturante da nossa organização econômica, política e social.

Nos contos da escritora e teórica brasileira contemporânea Conceição Evaristo, presentes na obra *Olhos d'água* (2014), a maternidade negra não aparece romantizada, nem tampouco negada, mas sempre como um ato de resistência e subversão. Afinal, reproduzir e preservar uma vida que nasce cercada de morte, e que é ameaçada de ser vivida sob o constante risco de eliminação, é, seguramente, um ato de resistência. A intersecção dos marcadores identitários de gênero, raça e classe impactam, de diferentes formas, e em diferentes níveis, as experiências de maternidade de mulheres negras, que exercem o seu maternar nos frágeis limites da vida e da morte. Na constante tensão entre o fazer nascer e não deixar morrer.

Partindo de tais premissas, este estudo tem como objetivo analisar o conto “Zaita esqueceu de guardar os brinquedos” - *Olhos d'água* (2014), da escritora Conceição Evaristo, a partir de uma perspectiva interseccional, por meio da qual refletiremos como

ser uma mãe negra periférica, mais do que gerar a vida, é lutar, dia após dia, contra a morte.

1. Viver e morrer, gerar e sobreviver

Em “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, temos Benícia, uma mulher negra de 34 anos, mãe solo de 4 filhos: dois homens mais velhos, não nomeados – filhos de um primeiro companheiro, e duas meninas gêmeas, mais novas, Naíta e Zaíta – filhas de um segundo companheiro, que, no passado, chegara a morar por alguns anos com Benícia.

Conforme descrito no conto, o primeiro filho serve ao exército e planeja seguir na profissão; o segundo, é o motivo maior de preocupação e temor da mãe. Embora quisesse, como o irmão, seguir uma carreira no exército, ansiava por uma forma mais rápida de ascender economicamente e, por isso, adentrara ao universo da criminalidade.

Zaíta e Naíta eram as caçulas, haviam nascido muito tempo depois, quando Benícia acreditava nem ser possível mais engravidar. Eram idênticas em tudo, a não ser pelo modo de falar, Zaíta falava baixo e devagar e Naíta, alto e acelerado. A narrativa tem como ponto central a personagem Zaíta, e é marcada por um contraste vívido e mordaz entre a imagem da infância e a imagem da morte.

Envolta por escassez, violência e discriminação, Zaíta surge como uma frágil e bela flor a desabrochar meio a uma cena de guerra. “Zaíta tinha nos modos um quê de doçura, de mistérios e de sofrimento” (Evaristo, 2016, p. 72). A ingenuidade e a delicadeza pueris vão se diluindo gradativamente nos episódios de dor e dificuldade vivenciados pela menina e sua família, que são descritos no desenrolar da trama, até a infância ser completa e irreversivelmente dissolvida pela morte.

A narrativa tem como ponto central a personagem Zaíta, e é marcada por um contraste vívido e mordaz entre a imagem da infância e a imagem da morte. Envolta por escassez, violência e discriminação, Zaíta surge como uma frágil e bela flor a desabrochar meio a uma cena de guerra. “Zaíta tinha nos modos um quê de doçura, de mistérios e de sofrimento” (Evaristo, 2016, p. 72). A ingenuidade e a delicadeza pueris vão se diluindo gradativamente nos episódios de dor e dificuldade vivenciados pela menina e sua família, que são descritos no desenrolar da trama, até a infância ser completa e irreversivelmente dissolvida pela morte.

Com marcas do discurso indireto livre, a história se passa no tempo de busca de Zaíta por um brinquedo perdido, sua figurinha favorita, como é revelado já nas primeiras

linhas do conto: “Zaíta espalhou as figurinhas no chão. Olhou demoradamente para cada uma delas. Faltava uma, a mais bonita” (Evaristo, 2016, p. 71). A partir daí, a garota inicia uma procura obstinada pela sua figurinha. Paralelamente, e ao longo dessa busca, sua vida vai sendo retomada e contextualizada, de modo que a/o leitora/o passa a conhecer mais detalhadamente os membros da família de Zaíta e o ambiente onde vivem.

Depois da protagonista, a primeira personagem a ser apresentada é sua irmã gêmea, Naíta. Zaíta considera a irmã a principal suspeita responsável pelo paradeiro de sua figurinha, já que ela: “[h]á muito tempo desejava o desenho e vinha propondo uma troca. Zaíta não aceitava. A outra, com certeza, pensou Zaíta, havia apanhado a figurinha-flor”. (Evaristo, 2016, p. 71)

Na sequência da narrativa, é introduzida a mãe de Zaíta: Benícia, personagem que nos é apresentada como uma mulher estressada e impaciente. Antevendo a reação da mãe, Zaíta descarta de imediato a possibilidade de recorrer a ela para solucionar o sumiço do brinquedo. “A mãe ficaria com raiva e bateria nas duas. Depois rasgaria todas as outras figurinhas, acabando de vez com a coleção.” (Evaristo, 2016, p. 71)

Benícia trabalhava como empregada doméstica – como fica subentendido em passagem posterior do conto, na qual a narradora menciona que a personagem havia ganhado algo da “filha de sua patroa”. Mãe preta chefe de família, mesmo trabalhando exaustivamente, Benícia não ganhava o suficiente para sustentar a casa e os quatro filhos. A pobreza, a ameaça da fome, a solidão e a extenuante luta pela sobrevivência elucidam o esgotamento, e o conseqüente nervosismo, de Benícia: “A mãe de Zaíta estava cansada”. (Evaristo, 2016, p. 72)

Não só as condições de privação geram estresse e sofrimento psicológico na mãe, como também a responsabilidade pelo cuidado e manutenção de quatro vidas, responsabilidade essa que talvez colocasse sobre seus ombros o peso da culpa e/ou da preocupação em ser “insuficiente” no desempenho do seu “papel social de mãe”, isto é, o papel de provedora para os filhos. “O primeiro filho nunca pedia dinheiro, mas ela sabia que ele precisava [...] Havia também o aluguel, a taxa de água e de luz.” (Evaristo, 2016, p. 75)

Segundo Djamila Ribeiro, “[d]esde muito cedo somos ensinadas que devemos ser mães. Divulgam uma ideia romântica de maternidade e a enfiam goela abaixo, naturalizando esse lugar.” (Ribeiro, 2018, p. 87). A historiadora e filósofa francesa

Elisabeth Badinter (1985) demonstra, através de um amplo e eloquente estudo histórico, como o amor materno inerente à natureza feminina é um mito. De acordo com a pesquisadora, o amor materno – e o próprio instinto materno – foi construído e desenvolvido no âmbito social, e nada mais é que um sentimento como outro qualquer: falho, imperfeito e sujeito às variações socioeconômicas e culturais de um determinado contexto histórico.

Desmantelemos, pois, a imagem da mãe que não se cansa, que não se irrita, da mãe que não existe para além dos limites da existência de seus filhos. Amar os filhos não pode significar devotar a vida inteiramente a eles. E a maternidade não é uma experiência que traz felicidade e realização para todas as mulheres.

Benícia não é, pois, uma mãe imaculada, é uma mãe que se enfurece e bate nas filhas; que, quando se irrita, destrói seus brinquedos; mas, é uma mãe que luta diariamente pelas suas sobrevivências, que trabalha incansavelmente para que não passem fome; uma mãe que coloca o pouco dinheiro que tem embaixo do travesseiro do filho, para ajudá-lo. O seu amor de mãe, assim como ela, é falho, imperfeito. E a sua maternidade não é uma experiência que a faz feliz, o que, contudo, não invalida o amor que tem pelos filhos.

Benícia é uma mãe negra, pobre, periférica, que não pode contar com a figura paterna no exercício parental e que, como muitas mães negras da nossa realidade, não possui nenhum outro tipo de suporte. Ela “[r]eclamava do barraco pequeno, da vida pobre, dos filhos [...]” (Evaristo, 2016, p. 72). Ser mãe, para Benícia, é uma experiência triste e solitária. O marcador de classe social, informado pela raça, impacta sobremaneira o seu maternar. Fonte de ansiedade, aflição, angústia e sentimentos de alienação, a pobreza é adoecedora e também marca a experiência da maternidade.

Desse modo, é a interligação do racismo estrutural, do capitalismo e do patriarcado que confere um sentido singular à experiência de ser mãe. Estamos falando aqui da interseccionalidade, sensibilidade teórica que nos ensina não ser possível desconstruir uma vivência feminina universal se levarmos em conta apenas o gênero enquanto categoria isolada, uma vez que o racismo também cria uma hierarquia de gênero. Assim, as intersecções entre raça, gênero (e classe) constituem, pois, relações mútuas e cruzadas de opressão (Crenshaw, 2002). A teórica Carla Akotirene (2019) afirma, dessa forma, que é necessário compreender que o capitalismo, o racismo e o cishetropatriarcado operam simultaneamente moldando experiências e subjetividades.

No conto de Conceição Evaristo, a vulnerabilidade socioeconômica se estende da mãe para os filhos. A miséria, sempre iminente, a assombrar a casa de Zaíta, desencadeia uma série de ausências na família. A mãe precisava trabalhar, então as crianças ficavam sozinhas. E como o salário não cobria todas as despesas, era preciso aumentar os ganhos, assim, como é revelado no conto, Benícia teria que arranjar emprego também para os finais de semana. Todas as personagens enfrentam diferentes formas de solidão e encontram-se desamparadas política e socialmente. Despojadas de seus direitos e abandonadas às margens da sociedade, acabam por tornar-se agentes da violência da qual são vítimas.

Buscando uma forma de romper com o ciclo da miséria, o segundo filho de Benícia envolve-se, ainda novo, com a criminalidade, tornando-se o líder de um dos grupos, o mais novo, porém o mais armado da favela em que mora com a sua família. As condições paupérrimas de sobrevivência, bem como a dificuldade de superá-las com o “trabalho duro”, somadas ao desacolhimento da sociedade e a uma educação que não atrai e não inclui, fazem com que os jovens da periferia vejam no tráfico possibilidades concretas e imediatas de reconhecimento e autorrealização.

De acordo com Josiane Petry Veronese (2001, p. 34) o envolvimento da adolescência com a criminalidade se constrói a partir da negação de direitos fundamentais do ser humano, como escola, família, saúde e profissão. Assim, as vulnerabilidades geradas pela pobreza, como, por exemplo, falta de saneamento básico; energia elétrica; habitação adequada; transporte; educação; alimentação; água potável e até mesmo a discriminação racial, acabam por tornar jovens negros suscetíveis à criminalidade.

A ausência desses direitos força as crianças a buscarem emprego quando ainda estão em idade escolar, se deslocando dos seus lugares de proteção (casa e escola) para locais de risco (ruas, sinais de trânsito), e, em muitos casos, elas acabam entrando em contato com o tráfico de armas e drogas.

E o Estado, sendo omissos em sua função de garantir qualidade de vida a todos, e falho no combate efetivo às desigualdades, ao preconceito e à exclusão, constitui-se também como agente catalisador dessas violências. É sintomático que, em um país com dimensões continentais como o Brasil, um número ínfimo de pessoas concentre mais da metade do capital nacional enquanto milhões encontram-se abaixo da linha da pobreza.

Combater a violência no Brasil requer, impreterivelmente, o combate à pobreza. De

acordo com dados do Atlas da violência de 2018³, as dez cidades que apresentaram as maiores taxas de assassinatos no Brasil possuíam nove vezes mais pessoas em situação de extrema pobreza do que as cidades com as menores taxas. Faz-se necessário, pois, um aumento da atuação do Estado na distribuição de renda e no desenvolvimento de políticas públicas que contemplem os grupos marginalizados, democratizando o acesso à moradia, alimentação, cultura e educação de qualidade.

O irmão de Zaíta adentra ao mundo do crime por desejar uma vida diferente dos exemplos que tinha a sua volta: “O moço via mulheres, homens e até mesmo crianças, ainda meio adormecidos, saírem para o trabalho e voltarem pobres como foram, acumulados de cansaço apenas” (Evaristo, 2016, p. 74). O filho do meio crescera vendo que pessoas como ele estavam fadadas a trabalhar incansavelmente sem nunca serem recompensadas por isso.

Viu o pai trabalhar por todo o seu tempo de vida em construções civis e não acumular nada além de misérias. Viu o pai das irmãs, da mesma forma, trabalhar muito e ganhar muito pouco. E assim, essas vidas invisíveis, irreais, abandonadas ao esquecimento, pairam à deriva na sociedade, apenas sobrevivendo, sem nunca encontrar oportunidades efetivas de mudarem os rumos de suas vidas.

Mas o irmão de Zaíta queria, pois, mudar seu curso, queria ir além da sobrevivência. “Havia alguns que trabalhavam de outro modo e ficavam ricos. Era só insistir, só ter coragem. Só dominar o medo e ir adiante” (Evaristo, 2016, p. 74). E então, ele vai adiante.

Quando pequeno, percorria os becos do morro entregando encomendas e passando recados. Estando afastado do seu “lugar de proteção”, trabalhando na rua ele fica mais exposto aos riscos. E, com o passar do tempo e a constante busca por “[u]ma vida que valesse a pena. [...] um caminho menos árduo e o bolso não vazio” (Evaristo, 2016, p. 73), ele passa a integrar o crime organizado da favela, envolvendo-se, com frequência, em confrontos com grupos rivais e com policiais que invadem a área.

Em casa, a família temia pela vida arriscada e incerta que ele levava: “Um dia Zaíta viu que o irmão [...] pegou uma arma [...] e saiu apressado de casa. [...] De noite, julgou ouvir alguns estampidos de bala ali por perto. Logo depois, escutou os passos apressados do irmão que entrava.” (Evaristo, 2016, p. 72-73). As escolhas de vida do filho traziam

³Disponível em:

<https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf> Acesso em 03 dez. 2024.

dor e angústia para Benícia. Sendo uma mãe negra na favela, Benícia tinha de preocupar-se não apenas com o sustento dos filhos como também, e sobretudo, com as perseguições policiais e as violências às quais eles estavam suscetíveis. A maternidade, para Benícia, é motivo de sofrimento não somente pela vida criminosa do filho, mas porque essa vida é uma vida passível de morte.

No Brasil, bem como em outros países da diáspora africana, os grupos familiares que constituem as principais vítimas de terrorismo do Estado são formados, majoritariamente, por mulheres. (Rocha, 2012; Smith, 2016). São as mães, as irmãs, as avós e as filhas de homens negros – em sua maioria jovens – sistematicamente assassinados em operações policiais ou em disputas por território de tráfico, precisamente como acontece neste conto.

Na favela, zona de morte na qual existe permissão social para matar e deixar morrer – vidas negras são encerradas cedo demais. A chamada necropolítica, conforme nos elucidava Achille Mbembe (2018), se vale da segregação e do uso ilegítimo da força para ratificar e executar a sua política de “segurança”. Grupos subalternizados - isto é, populações negras periféricas - são instituídos como “inimigos do Estado” a fim de que sua eliminação seja justificada e admitida socialmente como um mecanismo de segurança e combate à violência no país. Assim, discursos sociais atuam para promover a aceitabilidade do extermínio de vidas. Essas vidas são, majoritariamente, vidas negras.

As mulheres vítimas desse tipo de violência estão sempre perdendo seus homens. E os seus lutos são extremamente solitários e agonizantes, pois as mortes que elas choram não são mortes choráveis, e as vidas que elas perdem não são passíveis de luto, uma vez que sempre estiveram perdidas. São mulheres que estão “profundamente acostumadas com a tragédia” (Davis, 2006, p. 108 - 109) pois, como afirmamos no início desta análise, a morte não é uma estranha em seus mundos. Assim, reiteramos, ser uma mãe negra, muito mais do que gerar a vida, é lutar, dia após dia, contra a morte. O medo de perder os filhos para a violência policial ou o tráfico na favela é, pois, um dos sentimentos inerentes à maternidade de Benícia.

Ainda que Benícia não concordasse com a forma como o filho ganhava dinheiro e, por isso, não aceitasse nenhum tipo de ajuda financeira vinda dele, ela estava cada dia mais cansada, e o seu salário não dava para comprar quase nenhum mantimento. Estava, portanto, chegando à conclusão de que trabalho, como o que ela tinha, não resolveria.

“Mas o que fazer? Se parasse, a fome viria mais rápida e voraz ainda” (Evaristo, 2016, p. 75). Esta passagem do conto nos faz lembrar Carolina Maria de Jesus, escritora que, na década de 1950, criou sozinha seus três filhos como catadora de papel, na favela do Canindé, em São Paulo.

Em *Quarto de despejo* (1960), Carolina traz o relato da vida na favela, uma vida na qual a fome se repete ritualisticamente em uma rotina de sobrevivência, rotina marcada pela vulnerabilidade dos limiares entre a vida e a morte. A fome rouba de Carolina não apenas as forças físicas como, sobretudo, as espirituais. É recorrente na narrativa o desespero de Carolina todas as manhãs, temendo não conseguir se alimentar e alimentar os filhos: “Como é horrível ver um filho comer e perguntar: ‘Tem mais? Esta palavra ‘tem mais’ fica oscilando dentro do cérebro de uma mãe que olha as panelas e não tem mais” (Jesus, 2014, p. 38). Benícia também é uma mãe preta da favela que luta diariamente contra a fome. A fome e a insegurança alimentar também são, pois, razões para sua extenuação e seu endurecimento.

O relatório⁴ elaborado pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Penssan) em 2022, intitulado “Insegurança alimentar e covid-19 no Brasil”, mapeou os níveis de fome nas regiões e Estados do país. A pesquisa analisou uma amostra de 12.745 domicílios distribuídos em 577 municípios de áreas urbanas e rurais, das cinco macrorregiões brasileiras incluindo os 26 Estados brasileiros mais o Distrito Federal. Segundo os dados, dos mais de 33 milhões de brasileiros que passam fome, 70% são pessoas negras. E 65% dos lares cujos responsáveis eram pessoas pretas ou pardas apresentavam algum nível de insegurança alimentar.

O estudo revelou ainda que os lares chefiados por mulheres apresentaram uma maior suscetibilidade à insegurança alimentar. De acordo com a pesquisa, enquanto as casas comandadas por homens têm 25% de possibilidade de desenvolver insegurança alimentar, nos lares nos quais as mulheres são provedoras, esse percentual sobe para 36,7%. E ainda, uma pesquisa⁵ realizada pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), em 14.713 domicílios de Salvador, revelou que os lares comandados por mulheres negras

⁴ Disponível em: < file:///C:/Users/amand/Downloads/Relato%CC%81rio-SUPLEMENTO-final-13-09-2022.pdf > Acesso em 03 dez. 2024

⁵ Disponível em < <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-08/lares-de-mulheres-negras-sao-maisafetados-por-insegurancaalimentar#:~:text=Um%20estudo%20realizado%20em%20Salvador,6%25%20possuem%20inseguran%C3%A7a%20alimentar%20leve.> > Acesso em 03 dez. 2024

(50,1%) são os mais ameaçados pela fome, sendo que 21,2% apresentam insegurança alimentar moderada ou grave e 25,6%, insegurança alimentar leve. Assim, podemos ver como a fome tem gênero e raça no Brasil.

2. A obstinada busca da menina-flor

A narrativa tem como fio condutor a busca de Zaíta por um brinquedo perdido. À medida que a garota vai se deslocando pelo ambiente em sua procura, a narradora coloca a/o leitora/o em contato com os outros membros da família de Zaíta, e, por meio deles, vai inserindo em segundo plano novas histórias, que funcionam como pano de fundo da narrativa principal. É assim que conhecemos a narrativa do irmão do meio de Zaíta, e a narrativa de sua mãe. O brinquedo do qual Zaíta sente falta no começo do conto é uma de suas figurinhas, a sua preferida: “[a] que retratava uma garotinha carregando uma braçada de flores. Um doce perfume parecia exalar da figurinha ajudando a compor o minúsculo quadro” (Evaristo, 2016, p. 71).

A figurinha-flor é objeto de grande estima e admiração da menina. Zaíta a aprecia tanto, pois, cercada de tantas ausências, a imagem da flor representa presença; cercada de tanta morte, a flor representa a vida. E dentro da periferia, o “quarto de despejo da sociedade” – para fazer referência mais uma vez à obra de Carolina Maria de Jesus – a figurinha-flor é o seu único contato com a beleza. A figurinha-flor é emblemática da própria Zaíta: menina-flor a desabrochar meio a uma cena de guerra.

A mãe exausta, o irmão traficante, a fome, a vida precária, a criminalidade são o solo de Zaíta, pura, doce, delicada. “Bonecas incompletas, chapinhas de garrafa, latinhas vazias, caixas e palitos de fósforo usados” (Evaristo, 2016, p. 72) são o solo da figurinha-flor, bela, única, perfumada. Assim, Conceição Evaristo evoca a imagem da figurinha-flor como signo da doçura e da beleza em seu contraste com a acidez e a implacabilidade da vida real. A inocência em seu contraste com a violência, a vida em seu contraste com a morte.

Logo, na narrativa, a história da busca, em primeiro plano – sendo atravessada pelas duras histórias de sobrevivência, em segundo plano – simboliza a infância, sendo atravessada por todas as mazelas sociais. A busca pela figurinha, que parece até emanar um perfume como uma flor verdadeira, representa, em um cenário de morte, a busca pela

vida. Representa ainda a busca pela infância, que, como prenuncia a própria figurinha, também já está perdida.

Ao constatar o sumiço de sua figurinha, Zaíta se dirige a outro cômodo da casa onde pega uma caixa de papelão. “Zaíta virou a caixa, e os brinquedos se esparramaram, fazendo barulho” (Evaristo, 2016, p. 72). No entanto, como ela já sabia, a figurinha não estava ali, tinha certeza de que era a irmã quem havia pegado. No dia anterior, a irmã oferecera “[a]quela boneca negra, a que só faltava um braço e que era tão bonita” (Evaristo, 2016, p. 72) e oferecera ainda dois pedaços de lápis de cera, que ganhara da professora, em troca da valiosa figurinha-flor, mas, ainda assim, Zaíta não aceitara fazer a troca. As irmãs brigaram e Zaíta fora dormir com a figurinha embaixo do travesseiro. Contudo, no dia seguinte, quando retornara para casa depois da escola, a figurinha estava desaparecida.

Zaíta está tão angustiada na procura por sua figurinha que, mesmo consciente da ira da mãe, levanta-se e, contrariando suas instruções, sai deixando os brinquedos espalhados pelo chão. “Alguns ficaram descuidadosamente expostos pelo caminho” (Evaristo, 2016, p. 73). Esta passagem aciona outros sentidos, evocando imagens de perigo e ameaça. Os brinquedos – elementos que remetem à infância – fora da caixa e espalhados descuidadosamente pelo chão parecem aludir a crianças, fora de suas casas, descuidadosamente “expostas” ao risco nas ruas. Ao risco do crime, ao risco da violência, ao risco da morte.

Então, “[p]ouco se importando com os tapas que pudesse receber” (Evaristo, 2016, p. 73), Zaíta segue em sua insistente busca, prosseguindo para os fundos da casa à procura da irmã, no entanto, só encontra o vazio. Neste ínterim, Benícia, que chegara do supermercado havia pouco tempo, organizava as compras no armário. Ao retornar para o cômodo, Zaíta tem medo de olhar para mãe e sai de casa sem que ela perceba. A protagonista segue para a casa da vizinha, Dona Fiinha, e pergunta pela irmã, mas Naíta também não estava lá. “Onde estava Naíta? Onde ela havia se metido?” (Evaristo, 2016, p. 73). Assim, a menina percorre todo o beco procurando pela irmã, mas ninguém parecia saber onde ela estava.

À medida que Zaíta vai se afastando de casa e fracassando em sua busca, uma crescente tensão vai acompanhando o ritmo do enredo. O que, na superfície, aparenta ser uma adversidade simplória e infantil, como a busca por um brinquedo perdido, transmite,

nas entrelinhas, uma atmosfera mais carregada. Por trás do insucesso da busca, um mau agouro anuncia-se. “A cada ausência de informação sua mágoa crescia. Foi andando junto com a desesperança. Tinha o pressentimento de que *a figurinha-flor não existia mais*” (Evaristo, 2016, p. 73, grifo nosso).

Zaíta continua a distanciar-se, perigosamente, de sua casa, o seu lugar de proteção. E um ambiente cada vez mais perturbador e desconhecido vai se formando ao seu redor. A personagem chora desconsolada, enquanto algumas pessoas conhecidas na rua questionam o que ela fazia ali, tão longe de seu lar. “A menina se lembrou da mãe e da raiva que ela devia estar. Ia apanhar muito quando voltasse” (Evaristo, 2016, p. 74). Porém, não se importava. Considerando onde estava naquele momento, a lembrança parecia ínfima e distante, quase que intangível.

Tamanha era sua ingenuidade, Zaíta tinha o pensamento somente em sua estimada figurinha. E, quase como que se despedindo do brinquedo, se despedindo da vida, ela começa a recordar-se do surgimento do desenho em sua coleção. Não sabia dizer com precisão qual seria a origem do brinquedo, poderia ter sido presente do segundo irmão; poderia ter vindo da filha da patroa de sua mãe, que recebera repetida; poderia ser, também, resultado de alguma troca que fizera na escola, ou, ainda, poderia ter sido uma das que ela comprara escondido, com uma moeda que pegara da mãe, segredo que ela não havia confidenciado nem à irmã, Naíta. Entretanto, por mais que se esforçasse, não conseguira chegar a nenhuma conclusão. E, com o mesmo mistério que tinha surgido um dia, também desaparecera.

Enquanto Zaíta se distancia cada vez mais de casa, Benícia continua a guardar os poucos mantimentos que havia conseguido comprar. “Teve a sensação de ter perdido algum dinheiro no supermercado. Impossível, levava a metade do salário e não conseguira comprar quase nada.” (Evaristo, 2016, p. 74). Imersa em preocupações, Benícia, por fim se dá conta da ausência das gêmeas e sente certo temor, talvez pressentindo algo de ruim no ar. Quando sai da cozinha, ela tropeça nos brinquedos que Zaíta deixara espalhados pelo chão e a aflição de antes se transforma em fúria. Exasperada, a mãe apanha a linda boneca negra, a de um braço só, e a destrói, arrancando-lhe os cabelos, os olhos, as pernas, a cabeça e o braço que restava.

A imagem da boneca mutilada traz um novo tom sombrio ao clima de tensão que vinha sendo instaurado até então. Dentre os brinquedos que haviam sido deixados

“descuidadosamente expostos pelo caminho” alguns minutos atrás, a linda boneca negra, alheia ao perigo iminente, “[p]arecia sorrir desamparadamente feliz” (Evaristo, 2016, p.73). Naquele mesmo momento, bem longe dali, Zaíta também encontrava-se desamparada, totalmente exposta e alheia ao perigo iminente. A boneca sorria ingênua, pouco antes de sua destruição. Zaíta chorava ingênua em sua incansável busca pela figurinha-flor.

Quando Naíta escuta a mãe gritar, retorna a casa. Após ser alvo de sua fúria, sai chorando para procurar a irmã. Chora não pelos tapas que acabara de receber, mas pelas duas notícias ruins que tinha que levar a sua igual. Primeiro, precisava lhe contar que perdera sua figurinha favorita: “De manhã tinha apanhado a figurinha debaixo do travesseiro. Queria sentir o perfume de perto. E agora não sabia mais onde estava a flor” (Evaristo, 2016, p. 75). A segunda notícia era que a boneca negra, a mais linda, também se fora, havia sido destruída pela mãe, que, irritada por encontrar os brinquedos largados no caminho, desfizera-lhe em pedaços. Duas perdas, duas tristezas. Naíta segue à procura da Zaíta. Zaíta continua em sua busca pela flor. O desencontro seria fatal.

Assim, chega o momento em que a crescente tensão da busca pela flor, por fim, eclode. Quando a narradora nos alerta de que na favela, “[o]s tiroteios aconteciam com frequência e a qualquer hora” (Evaristo, 2016, p 76), todos os maus presságios anunciados pelas alegorias engenhosamente trabalhadas durante todo o conto, agora, se confirmam. Acostumada com os confrontos com a polícia e a disputa por espaço e poder entre os grupos armados, que, nos últimos tempos eram cada vez mais constantes e inesperados, a comunidade recomendava às crianças que não brincassem longe de suas casas. Todavia, quando começa o tiroteio, Zaíta já estava muito distante do lar, e, letalmente absorta na busca pela flor.

A cena do tiroteio traz a colisão final entre as imagens antagônicas da inocência e da brutalidade. “O barulho seco de balas se misturava à algazarra infantil” (Evaristo, 2016, p. 76). As últimas passagens do conto são carregadas desses amargos e poéticos contrastes. Conceição Evaristo utiliza a homonomia da palavra “bala” para colocar esses dois sentidos em confronto, ao afirmar que as crianças “[n]ão experimentavam somente as balas adocicadas, suaves, que derretiam na boca, mas ainda aquelas que lhes dissolviam a vida”. (Evaristo, 2016, p. 76). Assim, os elementos pueris vão se entrelaçando a elementos de crueldade.

A cena de guerra se desenrola quase que em câmera lenta, no ritmo ingênuo e infantil da menina-flor. À sua volta, as pessoas alertam, fazendo gestos para que ela procurasse um abrigo, mas, Zaíta segue distraidamente meio ao tiroteio, preocupada somente com a sua figurinha. “Balas, balas e balas desabrochavam como flores malditas, ervas daninhas suspensas no ar. Algumas fizeram círculos no corpo da menina. Daí a um minuto, tudo acabou” (Evaristo, 2016, p. 76).

Evaristo emprega seu implacável lirismo⁶ para descrever a morte de Zaíta, se valendo de metáforas que aludem à delicadeza, à doçura e, sobretudo, à fragilidade das flores. E assim, morre a menina-flor, despedaçada por balas perdidas, não aquelas que derretiam adocicadas na boca, mas aquelas que eram projetadas para a destruição. Tão fugaz e injusto é o tempo de Zaíta, como foi o da figurinha, como foi o da linda boneca negra.

Considerações Finais

Segundo o conceito de Necropolítica, desenvolvido por Achille Mbembe (2018), a favela onde vivia Zaíta com sua família é uma das zonas de morte criadas pela soberania do Estado, local onde existe permissão social para matar e deixar morrer, uma vez que é ali que estão os “inimigos” da nação: vidas pobres e pretas, vidas precárias, isto é, vidas suscetíveis a todo tipo de violência. O racismo regula a execução das políticas de policiamento e de segurança pública, empilhando corpos negros, cotidianamente, em ações letais nas favelas, assim como ocorre neste conto: “Homens armados sumiram pelos becos silenciosos, cegos e mudos. Cinco ou seis corpos, como o de Zaíta, jaziam no chão” (Evaristo, 2016, p. 76).

Segundo relatório⁷ desenvolvido pelo Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC) da Rede de observatórios da segurança, intitulado: “A cor da violência policial: a bala não erra o alvo”, 96,9% das pessoas mortas em operações policiais na Bahia, em 2019, eram negras. A política de “guerra às drogas” é, pois, uma

⁶ O pesquisador Eduardo de Assis Duarte (2006) criou o termo “brutalismo poético” para descrever a prosa de Conceição Evaristo, que, segundo ele, combina o “realismo cru” com a “ternura” para narrar vivências negras. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/ref/a/g7gPJT4f9yzqMyFyLxR6HBb/> > Acesso em 03 dez. 2024.

⁷ Disponível em: < <http://observatorioseguranca.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2021/09/A-Cor-da-Viole%CC%82ncia-Policial-A-Bala-Na%CC%83o-Erra-o-Alvo.pdf> > Acesso em 03 dez. 2024.

das principais faces do genocídio e do encarceramento em massa de populações negras no Brasil, uma vez que opera como uma política de guerra a pessoas pretas e pobres. Nesse sentido, o combate ao tráfico justifica ações policiais que exterminam, regularmente e de modo convencional, corpos negros periféricos.

A morte narrada no conto, nesse contexto, tem, pois, um duplo aspecto de horror. Além de acontecer de um modo tão terrível, em um cenário de violência, encerra-se ali uma vida muito precocemente, uma vida que, de acordo com a ordem natural das coisas, não se espera que acabe tão cedo, quando estava ainda apenas no início. Naíta segue aflita à procura da irmã, refletia triste sobre como informaria a sua igual aquelas duas perdas: a figurinha-flor e a bonequinha negra. Contudo, mais uma perda se aproximava para dar um novo significado ao sofrimento da irmã.

Quando finalmente a encontra, Naíta não consegue assimilar o ocorrido e, ao se aproximar da gêmea, grita desesperada: “Zaíta, você esqueceu de guardar os brinquedos!”. Assim, o título do conto faz alusão à infância perdida, à vida encerrada prematuramente. Zaíta não teve tempo de guardar os brinquedos. O seu tempo de vida, fugaz e injusto, findara-se ali, em um dos muitos tiroteios que aconteciam na favela e que, comumente, ceivava inúmeras vidas. Ignorados pelos moradores do beco, os outros corpos jaziam espalhados pelo chão. Insignificante, irreais.

Segundo o 14º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, divulgado em 2020 pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o Brasil teve quase 5 mil mortes violentas de crianças e adolescentes, de 0 a 19 anos, em 2019. Sendo que, desse total, 75% eram crianças negras.⁸ O anuário revelou ainda que morrem, em média, mais de 13 crianças e adolescentes de forma violenta por dia no Brasil.

Em setembro de 2019, Ágatha Vitória Salles Félix, de oito anos, foi baleada nas costas, pela PM, quando estava dentro de uma kombi, voltando para casa com a mãe, no Complexo do Alemão, na Zona Norte do Rio.

Em setembro de 2019, Kauê Ribeiro, doze anos, foi baleado na cabeça por policiais, quando estava subindo com um amigo a favela da Chica, no Complexo do Chapadão, na zona norte do Rio de Janeiro.

Em fevereiro de 2020, Alice da Silva Almeida, de apenas três anos de idade,

⁸Disponível em: < <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/10/18/brasil-teve-quase-5-mil-mortesviolentas-de-criancas-e-adolescentes-em-2019-75percent-eram-negros-revela-anuario.ghtml> >
Acesso em 03 dez. 2024

morreu após ser atingida por duas balas perdidas enquanto brincava no quintal de sua casa, no bairro Dom João Batista, em Vila Velha.

Em maio de 2020, João Pedro Mattos, de 14 anos, foi assassinado, enquanto brincava com os amigos, no complexo do salgueiro, e a casa onde estavam foi invadida por policiais que dispararam mais de setenta tiros e jogaram duas granadas no imóvel.

Em março de 2022, Heloysa Gabrielle Fernandes Nunes, de seis anos, foi morta com um tiro no peito, durante uma ação policial em Porto de Galinhas (Ipojuca-PE), enquanto brincava com o irmão de quatro anos, em frente à casa da avó.

Zaíta não teve tempo de guardar os brinquedos, Ágatha não teve tempo de voltar para casa, Kauê não teve tempo de chegar ao seu destino, Alice, João Pedro e Heloysa não tiveram tempo de terminar suas brincadeiras. As balas amargas, como flores malditas a desabrochar no ar, lhes dissolveram, cedo demais, a vida. Mônica Cunha, fundadora do Movimento Moleque, e uma das muitas mães que perderam os filhos para a violência policial no Brasil, protestou: “As mães negras não aguentam mais chorar”⁹.

As vítimas secundárias da guerra às drogas – da guerra antinegra – são as mães pretas da periferia. Aquelas que estão habituadas a viverem suas maternidades sempre angustiantemente vigilantes enquanto os filhos não voltam para casa; e que estão habituadas a enterrá-los, mais cedo que o natural. A experiência de perder um filho, uma dor além de qualquer compreensão ou representação, é uma dor que foi naturalizada e invisibilizada na vida dessas mulheres. Seus lutos são menosprezados, uma vez que seus filhos não são vistos como vítimas, não são vistos sequer como sujeitos, mas são considerados criminosos. Assim, o luto da mãe preta é, ao mesmo tempo, a luta pela memória do filho e por respostas do sistema de justiça. Respostas essas que, dificilmente ela irá obter.

E assim, na constante tensão entre o fazer nascer e não deixar morrer, Benícia, e todas essas mães, experimentam suas maternidades. Mães, avós, pretas, pobres, empregadas, prostitutas, mendigas. Mães cujos sonhos e felicidade são tão importantes quanto os sonhos e a felicidade de seus filhos. Mulheres que lutam, cotidianamente, pela sobrevivência dos seus. Com seus amores falhos, imperfeitos, humanos. Amores que não significam sacrifício, significam resiliência.

⁹ Disponível em: < <https://outraspalavras.net/outrasmidias/as-origens-e-logicas-ignoradas-do-racismo-policial/> > Acesso em 03 dez. 2024

Referências

- AKOTIRENE, C. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. In: *Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 10, n. 1, p.171-188, jan-jun 2002.
- DAVIS, B. Falando da perda: hoje estou mal, espero que você entenda. In: WERNECK, J; MENDONÇA, M.; WHITE, E. *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas/Criola, 2006. p. 103-110.
- EVARISTO, C. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- JESUS, C. M. de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2014.
- MBEMBE, A. *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.
- RIBEIRO, D. Quem se responsabiliza pelo abandono da mãe? In: *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Cia das Letras, 2018, p. 86-87.
- ROCHA, L. O. Black mothers 'experiences of violence in Rio de Janeiro. In: *Cultural*

Dynamics, v. 24 n. 1, 2012, p. 59-73.

SMITH, C. A. Facing the Dragon: Black Mothering, Sequelae, and Gendered Necropolitics in the Americas. In: *Transform Anthropol*, v. 24, n. 1, 2016, p. 31-48.

VERONESE, J. P. *Infância e adolescência, o conflito com a lei: algumas discussões*. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2001.